



Revista Saúde em Redes (ISSN 2446-4813), v. 8, n. 1 (2022).

ARTIGO ORIGINAL

DOI: 10.18310/2446-4813.2022v8n1p11-23

Condições de Trabalho e Utilização de Serviços de Saúde por Catadores de Materiais Recicláveis no Município de Limoeiro – PE

Working Conditions and Use of Health Services by Collectors of Recyclable Materials In The Municipality of Limoeiro – PE

Daiane da Silva Ferreira Lima

Bacharela em Saúde Coletiva formada pelo Centro Acadêmico de Vitória, Universidade Federal de Pernambuco.

E-mail: silvadaiane369@gmail.com

ORCID:0000-0002-9984-5761

Petra Oliveira Duarte

Farmacêutica e sanitarista,

Doutora em Saúde Pública, Professora do Curso de Saúde Coletiva do Centro Acadêmico de Vitória,

Universidade Federal de Pernambuco.

E-mail: petra.duarte@ufpe.br

ORCID: 0000-0002-6805-0499

Fabiana de Oliveira Silva Sousa

Fisioterapeuta e sanitarista, Doutora em Saúde Pública, Professora do Curso de Saúde Coletiva do Centro Acadêmico de

Vitória, Universidade Federal de Pernambuco.

Email: fabiana.osilva@ufpe.br

ORCID: 0000-0002-4482-3151

Resumo:

Introdução: As pessoas catadoras de materiais recicláveis estão expostas diariamente a riscos no processo de trabalho. **Objetivo:** Analisar a percepção das pessoas catadoras de materiais recicláveis sobre as necessidades de saúde e sua relação com a atividade laboral e a utilização dos serviços de saúde. **Métodos:** Trata-se de uma pesquisa qualitativa, tipo estudo de caso, realizada no município de Limoeiro-PE, no período de janeiro a maio de 2018. Os dados foram coletados através de entrevista semiestruturada e submetidos à análise de conteúdo. **Resultados:** Os resultados indicam que a maioria das pessoas catadoras tem problemas de saúde, mas não os percebem como necessidades de saúde nem os associam ao trabalho no lixão. A baixa utilização dos serviços de saúde também foi observada. O entendimento sobre os riscos laborais se fez presente, contudo, observa-se a não utilização de EPI. **Considerações finais:** Diante de um contexto de vulnerabilidades e inseguranças, é imprescindível a implementação de políticas públicas que assegurem direitos fundamentais, como melhor acesso ao sistema de saúde e qualidade de vida e trabalho aos trabalhadores que lidam com resíduos sólidos. **Palavras-Chave:** Resíduos Sólidos. Catadores. Saúde Ambiental. Acesso aos Serviços de Saúde.

Palavras-Chave: Resíduos Sólidos. Catadores. Saúde Ambiental. Acesso aos Serviços de Saúde.

Abstract:

Introduction: Waste pickers are exposed daily to risks in the work process. **Objective:** To analyze the perception of recyclable material collectors on health needs, their relationship with work activity and the use of health services. **Methods:** This is a qualitative research, like a case study, conducted in the

municipality of Limoeiro-PE, from January to May 2018. Data were collected through semi-structured interviews and submitted to content analysis. **Results:** The results indicate that the majority of waste pickers have health problems, but do not perceive them as health needs, nor do they associate them with the work in the dump. The low use of health services was also observed. The understanding of occupational risks was present, on the other hand, we observed the non-use of PPE. **Conclusion:** Faced with a context of vulnerabilities and insecurities, it is essential to implement public policies that ensure fundamental rights, such as better access to the health system, quality of life and work, for workers who deal with solid waste.

Keywords: Solid Waste; Solid Waste Segregators; Health Services Accessibility; Environmental Health.

Introdução

A industrialização pautada em um elevado consumo de bens e matérias-primas e em um modelo de desenvolvimento econômico com alta exploração do ambiente tem consolidado ao longo da história efeitos deletérios sobre a saúde humana e sobre o meio ambiente, resultando na eclosão de problemas sociais, ambientais e de saúde pública.^{1,2}

Por causa do consumo exagerado a população produz muitos resíduos sólidos que aumentam a poluição do ar, do solo e dos lençóis freáticos. O destino final desses resíduos, na maioria das vezes, são os lixões conhecidos como vazadouros a céu aberto e sem nenhum tratamento.³ Mesmo após a implementação da Política Nacional de Resíduos Sólidos (PNRS), em 2010, muitos municípios ainda depositam os resíduos em locais inadequados como lixões e aterros controlados.⁴ No estado de Pernambuco, quase 70% dos municípios ainda depositam os resíduos sólidos em lixões.⁵ O aterro sanitário é preparado para proteger o solo, o ar e possíveis lençóis freáticos da contaminação pelos líquidos e gases resultantes da decomposição dos resíduos, o que não existe nos lixões a céu aberto.⁶

Ao mesmo tempo, é do lixão que muitas pessoas adquirem o sustento de suas famílias, atuando como catadores de materiais recicláveis. Há estimativas de que existem, aproximadamente, 15 milhões de pessoas que trabalham com coleta de lixo, incluindo os setores de coleta seletiva.⁷ Utilizando dados do último Censo do IBGE, o Movimento Nacional dos Catadores de Materiais Recicláveis (MNCR) estimou que o número de catadores em atividade no Brasil é de 800 mil trabalhadores.⁸ Essa atividade profissional foi reconhecida pelo Ministério do Trabalho e Emprego em 2002, e segundo a Classificação Brasileira de Ocupações (CBO), “os catadores de materiais recicláveis trabalham na catação, seleção e

venda de materiais recicláveis e reaproveitáveis, como papel, papelão, vidro, materiais ferrosos e não ferrosos, dentre outros”.⁹

As pessoas catadoras de materiais recicláveis fazem parte de uma parcela da população excluída e marginalizada que não consegue se incluir no mercado de trabalho formal, e a maioria atua em lixões, apesar de a PNRS prever a “implantação de infraestrutura física e aquisição de equipamentos para cooperativas ou outras formas de associação de catadores de materiais reutilizáveis e recicláveis formadas por pessoas físicas de baixa renda”. Através do trabalho nos lixões conseguem sobreviver em condições sub-humanas, desempenhando atividades comumente ligadas a vários fatores que colocam em risco a saúde, tais como exposição a variações climáticas, a ruídos e ao mau cheiro, ao risco de atropelamentos, quedas, perfurações, mordidas de animais, sobrecarga de trabalho e levantamento de peso, além de contaminações por agentes e materiais biológicos e químicos.^{10,11}

Diante desse contexto de vulnerabilidades, pressupõe-se que os catadores de materiais recicláveis vivem em condições que os conduzem a uma má qualidade de vida, caracterizada pelo surgimento de várias necessidades de acesso aos serviços de saúde. Este estudo objetivou analisar a percepção dos catadores de materiais recicláveis sobre suas necessidades de saúde, a relação dessas necessidades com a sua atividade laboral e a utilização dos serviços de saúde.

Métodos

Trata-se de uma pesquisa qualitativa, com o desenho do tipo estudo de caso, realizada no município de Limoeiro-PE, no período de janeiro a maio de 2018. O município estudado localiza-se a uma distância de 77 quilômetros da capital de Pernambuco e conta com uma população de 56.140 habitantes, distribuídos na zona urbana (80,4%), e na zona rural (19,6%).¹²

A pesquisa teve a colaboração de 10 sujeitos residentes no município de Limoeiro que atuam como catadores de materiais recicláveis. Para a identificação desses trabalhadores, a equipe de pesquisa visitou o lixão do referido município e conversou com representantes da associação local, a Associação Acamarel Padre Luis Cechin.

A partir desses primeiros contatos elegeram-se sujeitos-chave para a realização das entrevistas, quando os entrevistados foram indicando os catadores mais antigos que trabalhavam nesse lixão, utilizando-se a técnica amostral da bola de neve. Foram aplicados como critérios de inclusão: idade superior a 18 anos e trabalhar como catador de materiais recicláveis há mais de 1 ano.

A coleta dos dados foi realizada através de entrevista semiestruturada, contendo questões referentes ao perfil social e demográfico, atividades laborais como catador(a) de materiais recicláveis, percepção sobre necessidades de saúde e utilização dos serviços de saúde.

As entrevistas foram previamente agendadas e realizadas em data e local mais conveniente para cada voluntário. Foi solicitada autorização para gravar as entrevistas em áudio. Todos os participantes assinaram o Termo de Consentimento Livre e Esclarecido (TCLE). Para a análise dos dados foi utilizada a técnica de análise de conteúdo.¹³

Esta pesquisa foi aprovada pelo Comitê de Ética em Pesquisa do Centro de Ciências da Saúde da Universidade Federal de Pernambuco – UFPE, através do Parecer nº 2.394.740.

Resultados e Discussão

Dentre os 10 catadores participantes da pesquisa, 7 são mulheres com faixa etária entre 33 e 60 anos. Em relação à escolaridade, 4 são analfabetos, 5 não concluíram o ensino fundamental, e apenas 1 concluiu o ensino médio. Os entrevistados trabalham no lixão, em média, 9 horas por dia, 6 dias por semana, e há mais de 10 anos.

Na análise dos dados qualitativos identificaram-se 3 categorias analíticas: i) percepção sobre as necessidades de saúde e o trabalho no lixão; ii) utilização dos serviços de saúde; e iii) condições de trabalho e o risco à saúde.

Percepção sobre as necessidades de saúde e o trabalho no lixão

Neste estudo compreende-se que *“as necessidades de saúde não se esgotam na demanda, nas ‘necessidades sentidas’, nas ‘necessidades médicas’, nas ‘necessidades de serviços de saúde’, ou nas*

doenças, carências, riscos e sofrimentos".¹⁴ A partir deste entendimento buscou-se identificar no discurso dos catadores evidências de sua compreensão sobre o que consideram ou não necessidades de saúde e quais alternativas buscam quando as identificam.

Muitos catadores referiram sofrimento com algumas doenças ou com sintomas de adoecimento e o relacionaram à necessidade de utilizar os serviços de saúde. Dentre os problemas referidos, a hipertensão arterial sistêmica, dor de cabeça, alterações no colesterol e dificuldades respiratórias foram os mais citados.

[...] a minha pressão é alta. Aí, de vez em quando, eu vou ao posto, só para aferir a pressão [...] sinto tontura [...]. (E4, 58 anos).

[...] os pulmões pretos, umas manchas que nunca, nunca descobre que doença é essa. Infecção urinária, colesterol [...]. (E8, 60 anos).

[...] às vezes, de vez em quando, sinto dor de cabeça. (E5, 42 anos).

Embora a maioria dos catadores tenha relatado algumas situações de adoecimento, esses problemas não foram percebidos como necessidades de saúde ou como motivo para buscar assistência dos serviços de saúde. Muitos que relataram problemas respiratórios, por exemplo, o fizeram como se os considerassem aspectos naturais da sua rotina de trabalho no lixão.

[...] não, doença não, tem gente que cansa, porque tem muita fumaça quando pega fogo, aí a gente tem que trabalhar na fumaça [...] tempo de fumaça a gente cansa, mas depois passa. (E1, 45 anos).

O adoecimento é relatado de forma "naturalizada" por esses trabalhadores, o que pode interferir na percepção de necessidades e riscos potenciais à sua saúde. A capacidade de "silenciar" essas condições precárias de vida e trabalho pode ser reforçada na luta pela sobrevivência, e os catadores vão se adequando, ao seu modo, às precárias condições de trabalho.¹⁵ Essa naturalização do sofrimento pode representar uma dificuldade de perceber a necessidade de assistência à saúde e, além disso, de compreender outras necessidades sociais das quais são privados ao longo da vida, como melhores condições de trabalho, educação e habitação, por exemplo.

Condições de trabalho e o risco à saúde

Os riscos laborais são percebidos tanto em relação a cortes e perfurações e outros acidentes quanto a contaminação, intoxicação, contusões, e exposição prolongada às variações climáticas. Foi bastante citado pelos catadores o risco relacionado à presença de material perfurocortante no lixão, principalmente vidros e seringas.

[...] o risco é de a gente levar uma furada, pegar uma doença contagiosa [...] levar corte de vidro [...] [...] vida de catador, só quem enfrenta é quem tem coragem mesmo, porque tem dias que a gente sai de meia noite, 1:00 hora da manhã, dependendo da hora que o carro passa pro lixão, a gente tem que ir atrás. Aí a gente vai pendurado na coleta de noite, arriscado a cair né? (E1, 45 anos).

[...] todo tipo de risco, de se cortar, de se furar com uma seringa contaminada com algum tipo de doença que vem, todo tipo de contaminação a gente tá arriscado. (E6, 39 anos).

Levar corte de vidro, furada de agulha de hospital, queda da coleta ou acidente pior né. (E7, 36 anos).

É um fogão velho que vem na coleta, é um pneu desabar de dentro da coleta e pegar na pessoa, machucar. É soro do hospital, é agulha, é tudo que vem do hospital, ali ofende, vai ofender a nós todos. Uma catanga, um mau cheiro, aquilo tudo está nos prejudicando. (E10, 62 anos).

A maioria dos riscos percebidos pelos catadores também foi descrita em outros estudos que apontaram os perigos de inalação de substâncias químicas tóxicas, fumaças e poeiras, ruídos de veículos, objetos perfurocortantes, contaminação com micro-organismos patogênicos, posturas inadequadas, excesso de horas de trabalho e peso, pancadas e quedas no ambiente de trabalho dos lixões.^{16,17}

Apesar de esses trabalhadores perceberem os riscos a que estão expostos, os identificam também com certa naturalidade, como inerentes ao trabalho que desenvolvem, e não costumam utilizar os Equipamentos de Proteção Individual (EPI).

Os catadores entrevistados relataram conhecer os EPI, mas não os utilizam ou os usam parcialmente. Argumentam que não possuem os equipamentos ou “não gostam” de usá-los. Segundo os entrevistados, a utilização dos EPI atrapalha o ritmo de produtividade da coleta dos materiais recicláveis.

Só o sapato, somente sapato e calça [...] nunca gostei de luva, bota, só o sapato mesmo ou então a calça [...] dá uma suadeira na mão [...] atrapalha muita coisa [...]. (E2, 33 anos).

Trabalho com a minha roupa mesmo, a bota e meia. Luva eu não tenho. Trabalho sem luva mesmo, só com a mão mesmo [...]. (E4, 58 anos).

[...] Só a bota. Às vezes a gente acha, usa, mas depois não quer usar mais, porque incomoda muito [...]. (E3, 31anos).

Situações semelhantes também foram relatadas em outro estudo que identificou que os catadores realizavam o trabalho sem nenhum EPI, a qualquer hora do dia e sob inesperadas variações climáticas.¹⁸ Os equipamentos de proteção individual são essenciais nos processos de reciclagem, por isso é imprescindível que o trabalhador seja instruído e treinado quanto à aceitação do EPI na sua rotina de trabalho, de modo que o mesmo se torne ferramenta inerente a esse processo, e que a importância e a necessidade do seu uso sejam evidenciadas sempre, por ser em benefício de sua própria segurança e saúde.¹⁹

Além do acesso aos equipamentos de proteção adequados, é imperativo que o poder público implemente ações que assegurem melhores condições de vida e trabalho a essas pessoas. A luta pela sobrevivência é muito árdua para esses trabalhadores que se submetem a condições tão precárias de trabalho. Diversos estudos corroboram os achados deste trabalho, evidenciando que em vários territórios as pessoas que sobrevivem como catadores de materiais recicláveis nos lixões têm direitos básicos violados, convivendo com diversos tipos de riscos ambientais e laborais, enquanto lutam por sua sobrevivência.^{20,21,22}

Para Gomes²³, todos os trabalhadores são susceptíveis a enfrentar inseguranças no trabalho, que vão desde a precarização do local de trabalho à perda de direitos sociais. No caso dos catadores de materiais recicláveis, são visíveis os inúmeros desafios a serem enfrentados, a exemplo de melhores

condições de trabalho, desenvolvimento de políticas públicas no sentido de estabelecer estratégias de desenvolvimento social e econômico, e o fortalecimento das associações para ampliar a organização do trabalho de forma cooperativa.²⁴ Neste estudo evidenciou-se que um desafio importante enfrentado por esses trabalhadores está relacionado às condições de vida, de trabalho e de acesso aos serviços de saúde.

Utilização dos serviços de saúde

Quando questionados sobre a utilização dos serviços de saúde, alguns entrevistados relataram dificuldades de acesso à atenção básica. Dentre os motivos relatados estão: a não flexibilidade no horário de atendimento das Unidades Básicas de Saúde (UBS), e a dificuldade para conseguir “pegar uma ficha” para agendar atendimento. Em decorrência disso, muitos procuram o hospital como primeiro recurso de assistência.

É muito difícil, porque eu não gosto de posto e também para a gente pegar uma ficha ali, naquele posto, tem que sair de madrugada [...] porque é muito difícil o atendimento ali [...]. (E1, 45 anos).

[...] no hospital eu vou lhe falar viu, eu fui quando fui pra maternidade ganhar menino [...] e no posto faz bastante tempo também, não vou negar, já faz muito mais de 6 meses que eu fui no posto para medir a pressão[...]. (E4, 58 anos).

Alguns catadores relataram que fazem utilização pontual da atenção básica e relacionam isso à pouca flexibilidade dos horários de funcionamento dos serviços, uma vez que a maioria deles trabalha mais de 10 horas por dia, não dispendo de tempo para procurar o serviço e tentar conseguir a ficha que garante o agendamento do atendimento.

Alguns estudos sobre o acesso aos serviços de saúde já evidenciaram que os aspectos organizacionais se constituem como importantes barreiras ao acesso da população ainda na atenção básica. Além disso, a quantidade e o perfil de formação dos recursos humanos, a falta e/ou insuficiência de materiais e instrumentos para a realização de atendimentos, e a própria localização das unidades de saúde também são obstáculos de acessibilidade.^{25,26}

Considerada essa dificuldade que os catadores de materiais recicláveis enfrentam para acessar os serviços de saúde, é frequente a utilização da automedicação como meio de realizar o próprio cuidado.¹⁸ Foi recorrente, entre os catadores, a narrativa de valorização do hospital como a instituição que pode resolver os problemas de saúde que apresentam, enquanto percebem a atenção básica como serviço pouco resolutivo.

[...] eu gosto mais de ir para o hospital [...] porque quando a gente diz que tem alguma coisa, se a gente for esperar pelo posto, a gente morre [...]. (E1, 45 anos).

[...] Eu vou para o hospital. Porque lá tem o medicamento certo para a pessoa tomar, né? E lá no posto, a gente vai para o médico, o médico só passa o remédio e diz assim: Vá para o hospital. Aí, eu vou direto para o hospital, porque lá a gente toma soro e toma remédio. (E5, 42 anos).

Outro achado relevante é o hábito de automedicação relatado pelos catadores. Dentre os entrevistados, há aqueles que “não sentem” a necessidade da procura pelo serviço de saúde, mas relatam fazer uso de medicamentos sem o acompanhamento de um profissional de saúde.

Eu fico em casa, cuido em casa mesmo, compro os remédios, vou para a farmácia [...]. (E2, 33 anos).

[...] nunca estive num posto de saúde não [...] não, porque eu mesmo me cuido, eu compro um comprimido, passa as dores, tomo um chá, passa as dores, aí eu não procuro. Até aqui nunca procurei posto de saúde. [...] só estive no hospital uma vez que eu fui acidentado [...]. (E10, 62 anos).

A cultura de automedicação expõe seus praticantes a muitos riscos, favorecendo assim a ocorrência de efeitos adversos e até complicações no adoecimento da população. A automedicação é baseada em uma concepção equivocada na qual os medicamentos são valorizados ao máximo, e o seu uso de forma desenfreada pode acarretar o surgimento de novos problemas de saúde ou a complicação daqueles já existentes.²⁷

Mesmo em situações de acidentes de trabalho, que na sua maioria são cortes, perfurações e quedas, os catadores relataram que são raras as vezes em que procuram por atendimento no serviço de saúde, com manutenção dos cuidados em suas próprias residências ou até mesmo no seu ambiente de trabalho, o lixão.

[...] cortei os 4 dedos no lixo. Fui pegar uma coleta, apalpei um saco de vidro, para mim era material, mas quando eu puxei da coleta e apalpei cortei os 4 dedos. Mas, graças a Deus, foi corte leve e eu pude safar né? [...] [...] o sangue escorria por todo canto em mim. Dona S. foi quem me ajudou lá. Ela disse: venha cá, o que foi isso na mão? Aí eu mostrei a ela e ela disse cortou os dedos? Vidro? Coloque a mão na terra!! Na terra seca. Aí, eu botei a mão na terra e o sangue saindo, saindo, saindo. Aí, depois ela disse: Eu vou amarrar. Aí, ela amarrou os meus pulsos de um lado e do outro, e eu fiquei com as mãos lá na terra... com pouco tempo o sangue foi parando. Aí, eu enrolei os dedos com pano de lá mesmo. (E4, 58 anos).

O relato desses acidentes e a forma de proceder dos catadores após sofrê-los, remediados com os recursos de que dispõem em casa ou no ambiente dos lixões, são mais uma evidência da amplitude dos riscos e necessidades de saúde vivenciados por esses trabalhadores. Esses achados também foram identificados em outro estudo que cita quedas, cortes e torções articulares como os principais acidentes sofridos pelos catadores.²⁸

Considerações Finais

A reciclagem é fundamental na Política Nacional de Resíduos Sólidos, o que confere grande importância aos catadores, já que através do desenvolvimento da atividade de catação e venda dos materiais recicláveis contribuem na redução do uso de matérias-primas virgens, no aumento da vida útil de aterros sanitários, e na preservação do meio ambiente. Contudo, as pessoas que atuam como catadores suportam precárias condições de trabalho e de vida, discriminações e desvalorização de sua mão de obra.

Os processos de adoecimento e os riscos laborais que enfrentam nem sempre são percebidos por eles como necessidades de saúde, nem como motivo para buscar assistência na rede de atenção. Ao

mesmo tempo, vivem uma cultura de automedicação, muitas vezes para tentar suprir a lacuna da dificuldade de acesso aos serviços de saúde.

Há muita fragilidade na compreensão sobre a importância do uso de equipamentos de proteção individual e a necessidade de procurar por atendimento quando estão doentes. A necessidade de desenvolver uma maior produtividade na catação para adquirir recursos para condições elementares de sobrevivência, bem como os custos de aquisição de EPIs, parecem exercer um efeito de sobreposição na percepção de riscos e necessidades de saúde. Nem a gravidade dos acidentes de trabalho é identificada e tratada de maneira adequada, levando os catadores, muitas vezes, a dispensar os cuidados específicos e utilizar práticas improvisadas e arriscadas de minimização dos acidentes, tais como conter sangramentos com tecidos encontrados no próprio lixo. A violação de direitos básicos expõe a gravidade da precariedade das condições de vida e trabalho a que estão submetidas essas pessoas, que ainda parecem viver de modo invisibilizado ao poder público.

Ante esse contexto de vulnerabilidades e inseguranças, destaca-se a condição de trabalho e acesso aos serviços de saúde como determinantes da situação de saúde dos catadores. Reforça-se, portanto, a urgência de fortalecimento de políticas públicas que garantam direitos fundamentais de cidadania, tais como: condições adequadas de trabalho, moradia, alimentação e acesso aos cuidados de saúde à população.

Referências

1. Freitas CM, Rocha V, Silva EL, Alpino TMA, Silva MA, Mazoto ML. Conquistas, limites e obstáculos à redução de riscos ambientais à saúde nos 30 anos do Sistema Único de Saúde. *Ciência e Saúde Coletiva*. 2018; 23(6):1981-1996. Disponível em: <https://doi.org/10.1590/1413-81232018236.04702018>. Acesso em: 01 Mai 2021
2. Siqueira MM, Moraes SM. Saúde coletiva, resíduos sólidos urbanos e os catadores de lixo. *Ciênc. Saúde Coletiva*. 2009; 14(6): 2115-2122.
3. Instituto de Pesquisa Econômica Aplicada- IPEA. Situação social das catadoras e dos catadores de material reciclável e reutilizável. 2013. Disponível em: https://www.ipea.gov.br/igualdaderacial/index.php?id=741:situacao-social-das-catadoras-e-dos-catadores-de-material-reciclavel-e-reutilizavel-brasil-dezembro-2013&format=pdf&option=com_content. Acesso em: 02 Fev 2020
4. Brasil. Tire suas dúvidas sobre a Política Nacional de Resíduos Sólidos, 2014. Disponível em: < <http://www.brasil.gov.br/meio-ambiente/2014/08/tire-suas-duvidas-sobre-a-politica-de-residuos-solidos> >. Acesso em: 28 de set. 2019.

5. Estarque T. Quase 70% dos municípios de PE ainda depositam resíduos sólidos em lixões, aponta TCE. G1 Pernambuco, Pernambuco, 07 fev. 2017. Disponível em: <https://g1.globo.com/pernambuco/noticia/quase-70-dos-municipios-ainda-depositam-residuos-solidos-em-lixoes-aponta-tce-pe.ghtml>. Acesso em 23 de set. 2019.
6. Silva NLS. Aterro Sanitário para resíduos sólidos urbanos - RSU – Matriz para Seleção da Área de Implantação. (Trabalho de Conclusão de Curso). Feira de Santana: Universidade Estadual de Feira de Santana; 2011.
7. Cruvinel VRN, Machado GC, Marques CP, Araújo WN, Trindade JA, Jorge FAM, Dourado APFK. O fim do maior lixão da América Latina: inclusão socioprodutiva e cuidado com a saúde dos catadores de materiais recicláveis. CEPAL. 2020. Disponível em: <https://archivo.cepal.org/pdfs/bigpushambiental/Caso79-OFimdoMaiorLixaodaAmericaLatina.pdf>. Acesso em 03 Mai 2021.
8. Movimento Nacional dos Catadores de Materiais Recicláveis (MNCR). Mulheres são maioria entre Catadores de Materiais Recicláveis. Disponível em: <http://www.mnccr.org.br/noticias/noticias-regionais/mulheres-sao-maioria-entre-catadores-organizados-em-cooperativas>. Acesso em: 15 out. 2019.
9. Silva MC. Trabalho, Economia Solidária e Catadores de Recicláveis: desigualdades de gênero e de raça, em busca da cidadania. Revista da Abet. 2014; 13(2): 248-261.
10. Oliveira, MAD. Percepção de riscos ocupacionais em catadores de materiais recicláveis: estudo em uma cooperativa em Salvador-Bahia. (Dissertação). Salvador: Universidade Federal da Bahia; 2011.
11. Oliveira JA, Fernandes SCS, Almeida SSM. Análise das representações sociais de catadores de lixo de Sergipe acerca de sua realidade social. Psico. 2012; 43(1): 55-68.
12. Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística. Panorama de Limoeiro. Disponível em: <<https://cidades.ibge.gov.br/brasil/pe/limoeiro/panorama>>. Acesso em: 23 de set. 2019.
13. Bardin, L. Análise de conteúdo. Lisboa: Edições 70; 2009.
14. Paim, JS. Desafios para a Saúde Coletiva no século XXI. Salvador: EDUFBA; 2006. Pág. 104.
15. Cavalcante S, Franco MFA. Profissão perigo: percepção de risco à saúde entre os catadores do Lixão do Jangurussu. Revista Mal-Estar e Subjetividade. 2007; 7(1): 211-231.
16. Ramos-Pintel, HM. Descarte de medicamentos e perfurocortantes no Distrito Federal: um olhar sobre a sociedade e os catadores de materiais recicláveis. (Dissertação). Brasília: Universidade de Brasília; 2017.
17. Colvero DA, Souza SM. Avaliação de riscos ocupacionais aos catadores de materiais recicláveis: estudo de caso no município de Anápolis, Goiás, Brasil. Revista Tecnologia e Sociedade. 2016;12(26):161-177.
18. Silva MJ, Silva MMD, Neves HJP. A qualidade do envelhecimento dos trabalhadores catadores da associação de Caruaru-PE. In: Congresso Nacional de Envelhecimento Humano. V. 2, n. 1. Campina Grande: Anais CIEH, 2015.
19. Ramos MMG. Importância do uso dos equipamentos de proteção individual para os catadores de lixo. (Dissertação). Salvador: Atualiza-Associação Cultural; 2012.
20. Dobrachinski L, Dobrachinski MMM. Condições de vida, trabalho e saúde dos catadores de materiais recicláveis do lixão de um município do oeste da Bahia. Hígia: Revista de Ciências da Saúde do Oeste Baiano. 2016; 1(1):18-45. Disponível em: <file:///C:/Users/olive/Downloads/105-323-1-PB.pdf>. Acesso em 02 Mai 2021.

21. Cavalcante LPS, Silva MMP, Barros KNNO, Lima VLA. Catadores de materiais recicláveis e vulnerabilidades socioambientais: cenário de um lixão no sertão paraibano. In: Giovanni Seabra (Org.). Educação ambiental: ensino, pesquisa e práticas aplicadas. 1ed.Ituiutaba: Barlavento, 2017, p. 263-277.
22. Romano RN, Queiroga Filho E, Figueiredo EO, Lira IP, Lima EQ. Avaliação das Enteroparasitoses em Crianças e Adultos na Comunidade do Lixão Município Patos, Paraíba-Brasil. Brazilian Journal of health Review. 2019; 2(6):6124-6136. Disponível em: <https://www.brazilianjournals.com/index.php/BJHR/article/view/5625> Acesso em 04 Mai 2021.
23. Gomes JR. O mundo do trabalho e a condição de vida dos trabalhadores da catação, uma breve análise. Revista Serviço Social em Perspectiva. 2018; Anais do I Encontro Norte Mineiro de Serviço Social – I ENMSS: 339-351.
24. Lutinski JA, Neves LM, Quadros SO, Busato MA, Ferraz L. Catadores de materiais recicláveis: perfil social e riscos à saúde associados ao trabalho. Revista Brasileira de Geografia Médica e da Saúde. 2017;13(24):162-174.
25. Lima SAV, Silva MRF, Carvalho EMF, Cesse EAP, Brito ESV, Braga JPR. Elementos que influenciam o acesso à atenção primária na perspectiva dos profissionais e dos usuários de uma rede de serviços de saúde do Recife. Physis- Revista de Saúde Coletiva. 2015; 25(2): 635-656.
26. Sousa FOS, Medeiros KR, Gurgel Júnior GD, Albuquerque PC. Do normativo à realidade do Sistema Único de Saúde: revelando barreiras de acesso na rede de cuidados assistenciais. Cienc. Saúde Coletiva. 2014; 19(4):1283-1293.
27. Santos MC, Andrade ML, Lima VS, Silva GC. Perfil da automedicação por clientes de uma farmácia privada em cidade do Agreste de Pernambuco. Rev. Bra. Edu Saúde. 2020; 10(2): 50-56.
28. Coelho APF, Beck CLC, Fernandes MNS, Freitas NQ, Prestes FC, Tonel JZ. Mulheres catadoras de materiais recicláveis: condições de vida, trabalho e saúde. Revista Gaúcha de Enfermagem. 2016; 37(3): e57321.

Como citar: Lima DSF, Duarte PO, Sousa FOS. Condições de Trabalho e Utilização de Serviços de Saúde por Catadores de Materiais Recicláveis no Município de Limoeiro – PE. **Saúde em Redes.** 2022; 8 (1). DOI: 10.18310/2446-4813.2022v8n1p11-23

Recebido em: 17/02/21

Aprovado em: 04/06/21